

02.08.2019

mesa 4

17h00 - 18h30



**Meio  
Ambiente**

coordenação  
**Edna Castro**  
mediação  
**Camila D'ottaviano**

## “PROGRESSO” E MEIO AMBIENTE EM GOIÂNIA

Para quem não sabe, Brasília não foi a primeira cidade planejada do Brasil e nem mesmo do Centro-Oeste. Tão pouco a primeira modernista. Algumas décadas antes, sob os embalos da marcha para o oeste, Goiânia era idealizada como a nova capital de Goiás. O discurso do progresso e a pregação da modernidade pelo desenvolvimento urbano e econômico atraíram milhares de trabalhadores e investidores para implantar no meio do cerrado as vias, prédios, praças e parques de uma cidade pensada para 50 mil habitantes. Cartazes espalhados pelo país a referiam como “grande empreendimento do Governador” e explanavam: “enriqueça 4 vezes mais adquirindo lotes na nova capital”. Mas a utopia modernista e eurocêntrica não foi capaz de ultrapassar tanto as barreiras econômicas e culturais do sertão goiano, quanto a falta de interesse dos gestores em seguir qualquer planejamento que proporcionasse uma expansão organizada e democrática da cidade. Aos 85 anos e 1,3 milhões de habitantes, compartilha das mesmas patologias urbanas presentes nas mais antigas metrópoles do país. Consequências de um modelo de cidade movido desde o princípio pelo capital principalmente imobiliário, contrariando as intenções do projeto urbano proposto pelo então urbanista Attilio Corrêa Lima.



Cartaz utilizado para propaganda de Goiânia, em 1934

## Cidade Verde?

A evidente riqueza ambiental de Goiânia sempre foi celebrada e propagandeada especialmente pela administração pública. Segundo a Prefeitura, levantamentos da Agência Municipal de Meio Ambiente indicam que Goiânia é a capital brasileira com o maior número de árvores plantadas em vias públicas do país com cerca de 950 mil árvores e possui o maior número de metros quadrados de áreas verdes por habitantes no Brasil. É transpassada por 80 córregos, os ribeirões Anicuns, João Leite, Capivara e Dourados e o rio Meia Ponte. Mas essa imagem de “cidade verde” esconde um processo histórico de destruição ambiental. A começar pelas primeiras áreas de preservação previstas desde o plano original de Attilio, que foram drasticamente reduzidas ou completamente destruídas, até as mais recentes intervenções urbanas de iniciativas públicas e privadas ou parcerias público privadas. Aliás, está aí um ponto muito importante. Pois as políticas ambientais urbanas, assim como quase todas as políticas urbanas de Goiânia sempre, literalmente sempre foram ditadas pelo setor privado. Podemos dizer, simplificando, que temos uma gestão privada da gestão pública. Afinal a localização, dimensão e manutenção das áreas de preservação são conduzidas de acordo com os interesses do mercado imobiliário. A legislação urbanística e ambiental não é respeitada e os órgãos fiscalizadores não operam como deveriam.

## Poderes

Nesse contexto destacam-se grandes obras de impactos ambientais ainda maiores no espaço urbano goianiense. Os 32 parques e bosques que possui segundo a Prefeitura podem ser divididos entre os especulados e os ainda não especulados pelo mercado imobiliário. Isso porque parte deles foram construídos ou revitalizados pelas construtoras em “compensação” a drástica verticalização de seu entorno. Os que não foram estão quase todos subutilizados, sem manutenção ou literalmente abandonados. O córrego botafogo, no princípio um limite urbano a leste da cidade, teve suas águas que serviriam a população canalizadas na década de 70 (destino dado a vários outros córregos) e suas margens que formariam um grande parque linear destruídas pela implantação de uma avenida marginal exclusiva para carros na década de 90, além da ocupação irregular de edificações na área de proteção permanente. A Marginal Botafogo, mesmo com graves riscos estruturais, tem previsão de prolongamento através de um viaduto prestes a ser construído pela atual administração municipal. Além do impacto visual e ambiental de tamanha estrutura, o prolongamento ameaça a remoção de inúmeras famílias de uma região histórica, ocupada por trabalhadores da construção de Goiânia, que se tornou grande alvo do mercado imobiliário. O projeto compõe um pacote de obras lançado pela prefeitura às vésperas do último ano de gestão, através de muita propaganda. Aliás, muito mais propaganda do que diálogo e participação popular. Não há transparência. Grandes obras como a trincheira em construção

da rua 90, vendida como solução inovadora de mobilidade para um dos trechos do novo BRT, são anunciadas às vésperas da implantação sem nenhuma consulta a comunidade diretamente impactada que em muitas vezes se mobiliza contra a intervenção. A trincheira que terá até 9 metros de profundidade numa avenida onde o lençol freático atinge até 80cm se localiza num bairro que funciona como uma caixa de recarga justamente ao córrego botafogo, para onde a água drenada será direcionada sobrecarregando ainda mais o canal de estrutura incompatível. As milhares de árvores em vias públicas vão sendo atropeladas a cada obra e nenhuma satisfação é recebida pela população.



Avenida Marginal Botafogo em Goiânia. Foto: TV Anhanguera/Reprodução

## Contra-atacando

Desde o começo do ano um grupo crescente de arquitetos e urbanistas, ambientalistas, estudantes, entidades e movimentos sociais se reúne pela construção social de um projeto para as cidades de Goiás, começando por Goiânia. O Núcleo Goiás do Projeto Brasil Cidades vem questionando e buscando se contrapor propositivamente a esse modelo neoliberal, centralizador e antidemocrático de gestão da cidade. Com pouco tempo e recursos, fomos atraídos pela urgência da pauta ambiental urbana em Goiânia e conseguimos elaborar um projeto urbanístico alternativo pela preservação de uma das últimas veredas da cidade, no Parque Oeste Industrial. As demais foram drenadas, ressecando o terreno alagadiço que mantinha os buritis vivos. A bela paisagem, típica do cerrado, fica exatamente no mesmo terreno onde residiram mais de 14mil pessoas que foram brutalmente removidas pelo Estado em 2005, sendo duas assassinadas. Na ocasião, a preservação da vereda foi um dos argumentos utilizados contra a Ocupação Sonho Real. Hoje uma parte

dos mesmos personagens responsáveis pelo massacre investe na construção de um Parque no local. Proposto e financiado por um consórcio de construtoras, avalizado pela prefeitura sob compensação a construção de 25 condomínios verticais em seu entorno, o projeto prevê a drenagem das nascentes afloradas na vereda, ressacando o terreno alagadiço que mantém os buritis vivos. Somos a favor da construção do Parque João Júlio Aguiar. A vizinhança que sofre há anos com o descarte irregular de lixo e a insegurança no local, clama pela urbanização. Mas ela precisa ser ambientalmente e socialmente justa. Por isso fizemos um projeto alternativo, com pistas suspensas de grade metálica, erguidas a 3,5 metros de altura e sustentadas por arcos, estaiadas com tirantes. Essa proposta surgiu a partir das palafitas tão usadas pelos povos da região amazônica na ocupação de áreas que se alagam, tendo menor impacto sob o solo. Apresentamos a possibilidade ao Prefeito e um processo de tombamento ambiental dessa área de preservação foi instaurado. Seguimos nessa luta atentos a sequência dos escondidos processos políticos da gestão público-privada de Goiânia. *Traçando vários planos pra poder contra-atacar.*



Apresentação do Projeto Alternativo do Parque ao Prefeito Iris Rezende. Foto: Jean Diego Luiz

## Referências Bibliográficas

O que tem sob o Botafogo? Ninguém sabe, ninguém viu. O Popular, 12 de março de 2018. Disponível em <<http://www.caugo.gov.br/wp-content/uploads/2018/03/O-POPULAR-CIDADES-INSTITUCIONAL-10-DE-MAR%C3%87O.pdf>> Acesso em 30 jul. 2019

Cartaz utilizado para propaganda da venda de lotes na nova capital de Goiás, 1934. Acervo particular de Attilio Corrêa Lima.

NETO, Gerson. Vereda do Parque Oeste. O Popular, 01 de junho de 2019.  
Disponível em <<https://www.opopular.com.br/noticias/opiniao/opini%C3%A3o-1.146391/vereda-do-parque-oeste-1.1811174>> Acesso em 30 jul. 2019

Parques e Bosques. Prefeitura de Goiânia. Disponível em <  
<http://www4.goiania.go.gov.br/portal/goiania.asp?s=2&tt=con&cd=1265>>  
Acesso em 30 jul. 2019

BAIANASYSTEM, Sulamericano. Salvador: Selo Máquina de Louco, 2019.  
Disponível em < <http://baianasystem.com.br/o-futuro-nao-demora-ft/>> Acesso  
em 30 jul. 2019